

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores
Departamento de Educação
Curso de Pedagogia

Eliane Figale Soares

**Memórias e histórias compartilhadas: conversando,
lendo e escrevendo sobre autoestima e educação.**

São Gonçalo
2011

Eliane Figale Soares

**Memórias e histórias compartilhadas: conversando,
lendo e escrevendo sobre autoestima e educação.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de graduação em licenciatura em Pedagogia, ao Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo
2011

Eliane Figale Soares

**Memórias e histórias compartilhadas: conversando,
lendo e escrevendo sobre autoestima e educação.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de graduação em licenciatura em Pedagogia, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em: __/__/__.

Prof.^a Dr.^a Helena Amaral da Fontoura (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Prof.^o Ms. Jenesys Genuncio (Parecerista)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

São Gonçalo

2011

Dedicatória

Dedico a Deus, quando na solidão necessária para realizar este trabalho, esteve comigo. Nos momentos de angústia permanente, no vazio das caladas madrugadas em que escrevia, fortaleceu a minha esperança para prosseguir e não se importou as vezes que me esqueci de agradecer... e mesmo assim, sempre esteve ao meu lado.

Obrigada! Senhor! a ti toda honra e glória!

Agradecimentos

A Deus por te me acompanhado e capacitado durante todo o meu trajeto e nos momentos mais angustiantes da minha vida, não me abandonou;

Aos meus amados pais, responsáveis por toda a minha caminhada;

A toda minha família, sempre perto de mim;

A professora Mariza, pelo carinho, por ter orientado os primeiros passos para a minha monografia;

A professora Vera pela atenção especial;

Ao meu querido co-orientador, poeta, professor e amigo Jenesys pela dedicação permanente, carinho, motivação, as suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa;

A minha querida orientadora Helena, por ter aceitado me orientar, por toda atenção e compreensão, as suas palavras encorajadoras foram determinantes para elaboração do nosso trabalho;

A todos os meus professores da Escola Municipal Professora Cecília Augusta dos Santos, aos do Colégio Estadual Visconde de Itaboraí e aos meus queridos professores da Faculdade de Formação de Professores da UERJ;

A todos os amigos que direta ou indiretamente contribuíram para o meu trabalho, dando força, indicando livros... vocês são especiais demais!

A Andréa por ter confiado a mim seus livros e por ter sido sempre tão atenciosa;

Aos meus queridos amigos entrevistados, que aceitaram contribuir com a minha pesquisa, compartilhando as suas histórias de vida para reflexão e enriquecimento do nosso estudo.

Epígrafe

“Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar”.

(Paulo Freire)

Resumo

Esta monografia objetiva compreender, levantar discussões e reflexões, principalmente entre os profissionais da educação, a respeito da importância de se trabalhar a autoestima, sinalizando como fator de fundamental contribuição a afetividade. Os parâmetros iniciais da pesquisa visa entender a dinâmica dos sujeitos nas suas relações interpessoais. Destaca-se a realização de entrevistas com estudantes de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, que relatam suas experiências de vida relacionadas com a autoestima, neste trabalho. No processo desta pesquisa, explora-se o conteúdo das histórias compartilhadas pelos entrevistados e são realizados diálogos com os teóricos envolvidos na temática escolhida. Os estudos apontam que a autoestima é fortemente vinculada com a afetividade, os laços afetivos são de extrema relevância nas interações entre os sujeitos, capazes de ajudar na promoção da autoestima, é um fator que precisa ser considerado no cotidiano escolar. Ressalta-se também neste trabalho, a importância do papel do educador e a forte influência que exerce no desenvolvimento social, cognitivo e emocional dos seus alunos.

Palavras-chaves: autoestima, autoconceito, afetividade, relação professor-aluno.

Sumário

Introdução (Memorial)	9
 Capítulo I	
I.1- O que é autoestima?.....	13
I.2- Afetividade e sua ligação com a autoestima na relação professor- aluno.....	16
 Capítulo II	
II.1- Como promover a autoestima?.....	22
II.2- Entrevistas com estudantes de Pedagogia.....	23
 Capítulo III	
Apresentação e discussão dos resultados.....	37
Considerações finais.....	47
Referências Bibliográficas.....	49

Introdução

(Memorial)

Pretendo falar, neste trabalho de conclusão de curso, sobre um tema que me instigou na minha trajetória acadêmica: a autoestima. Acredito que como estudante de pedagogia, temos que contribuir para o desenvolvimento das competências e habilidades do aluno, incentivar a sua autoestima, propiciar um ambiente em que as relações de afetividades sejam valorizadas. E que devemos nos empenhar para que o nosso trabalho reflita beneficentemente na vida das pessoas que fazem parte do nosso cotidiano.

Um dos motivos que me impulsionou a pesquisar sobre o tema foi o fato de ter um sobrinho com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Ele teve uma infância problemática, pois sempre foi um aluno extremamente inquieto, considerado o verdadeiro “terror” para as professoras, além de não prestar atenção nas aulas, atrapalhava os demais colegas. O que resultou na sua “expulsão” de todas as escolas, sem nenhuma exceção, a cada tentativa de mudança de âmbito escolar, era uma frustração.

Às vezes, um sentimento de revolta me assolava, pois não aceitava o fato de uma professora rejeitar um aluno, sabendo que este apresentava dificuldade de concentração devido ao transtorno, e não porque era um bagunceiro desmedido.

Creio que o verdadeiro educador só abraça sua profissão realmente, quando se propõe a vencer os obstáculos, que a todo momento, insiste em permanecer no caminho, ele pode esbarrar nestes, e até mesmo cair, só não pode deixar de se levantar. A respeito da formação dos professores, Pimenta enfatiza que:

(...) espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilite permanentemente irem construindo seus saberes-fazeres docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano.

(PIMENTA, 2005, p.17-18).

Esperava que a professora do meu sobrinho, como a citação acima aponta, estivesse disposta a enfrentar os desafios inerentes da profissão, mas ela não tinha esse interesse.

No meu íntimo, eu até compreendia a sua atitude de “expulsá-lo”, apesar de não aceitá-la, pois ele realmente era demais... difícil de aguentar suas travessuras. Este misto de sentimentos me angustiava, pois “concordar” com a sua expulsão, era estigmatizá-lo, condená-

lo ao fracasso e eu almejava ajudá-lo a permanecer na escola, mas infelizmente, não tinha a colaboração da educadora. Conforme aponta Smith e Strick (2001) é essencial para a criança ou jovem com TDAH que as pessoas que participam do processo, estejam dispostas a manter um vínculo caracterizado pela comunicação e intensa colaboração, visando assim, possibilitá-lo de desenvolver o seu potencial e seguir o seu percurso de forma adequada e gratificante.

Durante a aula da disciplina de Educação Especial no 4º Período do curso de Pedagogia, a professora falou sobre o TDAH, apontou que muitas crianças estão sendo taxadas como hiperativas, mas que na verdade, eram simplesmente bagunceiras, sem limites. Assim, conforme esclarece Tiba (2002):

Diagnósticos apressados e equivocados têm feito pessoas mal-educadas ficarem à vontade para serem mal educadas sob o pretexto de que estão dominadas pelo TDAH. O fato de serem consideradas doentes facilita a aceitação de seu comportamento impróprio. (TIBA, 2002, p.152).

Concordo com o autor, que é necessário cautela na avaliação do comportamento dessas pessoas e orientação adequada para cada caso, mas o meu sobrinho já estava devidamente diagnosticado por especialistas.

Naquele momento da aula em que a professora fez a colocação descrita acima, ressurgiu da minha memória a situação vivenciada pelo meu sobrinho e a imagem dela transformou-se em uma daquelas “tias” que o rejeitaram, então eu “ataquei” dizendo que: os professores que não sabem lidar ou não querem aceitar essas crianças hiperativas, preferem negar o problema e rotular os mesmos como bagunceiros, “alunos problema”. Diante desse episódio, não conseguir conter as lágrimas e compartilhei com toda a turma o histórico escolar do meu sobrinho. Foi então que a educadora compreendeu a minha indignação e eu também compreendi que ela referiu-se a necessidade de se fazer o diagnóstico do TDAH para que alunos que são apenas bagunceiros não sejam tratados como hiperativos.

Essa experiência com o TDAH direcionou meu olhar para a autoestima, pois passei a perceber que cada vez que o meu sobrinho mostrava um desenho ou um escrito qualquer e eu afetuosamente o elogiava ou simplesmente o incentivava a produzir mais, era notório o brilho em seus olhos.

Sei que a minha atitude não foi suficiente para a sua permanência na escola, mas germinou a vontade de ficar um pouco mais e contribuiu para o aumento da sua autoestima, pois aqueles instantes de atenção não eram devido a suas travessuras e sim por algo que tinha realizado de forma exemplar.

Atualmente o meu sobrinho Maurício tem 18 anos e tardiamente ainda cursa a sexta série do ensino fundamental. Conversei com ele sobre o seu comportamento na infância, mas o mesmo disse que não se lembrava direito dessa fase e se limitou a dizer que as professoras agiam assim com ele porque era muito bagunceiro.

No decorrer da minha vida acadêmica, no curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos, e ao mesmo tempo, apesar de parecer contraditório, tinha a estranha sensação de que nada sabia e a certeza que muito ainda teria que aprender, fui me conscientizando do meu inacabamento como sujeito. Além dos conteúdos estudados, as discussões promovidas e reflexões acerca de assuntos diversificados, foi importante a troca de experiências que tive na sala de aula, pois quando partilhamos nossos medos, dores, anseios, risos e incertezas, podemos constatar que não estamos sozinhos. Escutar o outro é de certa forma ser ouvido também. Paulo Freire já dizia:

“Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção da minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que social, cultural e historicamente, tem muito mais a ver comigo mesmo.” (FREIRE, 1996, p.53).

E foi exatamente essa consciência do meu papel como indivíduo, da necessidade de comunicação, da reciprocidade existente nas aulas, que contribuíram para a definição da escolha do meu tema de conclusão de curso. Acredito que ao compartilhar as nossas vivências buscamos compreender o outro e a nós mesmos. É preciso atentar que quando o indivíduo passa por uma determinada situação e se depara com outra pessoa em condições parecidas ou até mesmo iguais, é comum ouvir: “Eu também já passei por isso.” Há um sentimento de solidariedade para com o outro, mas é importante nesse momento, não perder a singularidade, por mais que as situações sejam parecidas, cada uma tem a sua particularidade e cada um tem a sua maneira de lidar com a mesma.

Compartilhar é uma forma de ajudar e de ser ajudado, podemos citar como exemplo: os Alcoólicos Anônimos que compartilham suas experiências objetivando a ajuda mútua e a superação diária de um problema comum. Essa troca é importante no meio social, dentro e fora do âmbito escolar.

As experiências recordadas, por mim e pelos meus colegas, fizeram vir à tona sequelas escondidas e estas tinham ligação com a autoestima, reforçando assim, o meu desejo de abordar

o assunto, pois as marcas estavam ali expostas, e que apesar da passagem dos anos, não foram apagadas pelo tempo.

Acredito que recordar nos possibilita resgatar sentimentos que ficaram internalizados, muitas vezes durante anos, intocáveis em nosso íntimo, é buscar algo que ficou guardado, escondido em nós mesmos. Escrever esse memorial é de certa forma, olhar para a cicatriz que um dia foi ferida, é acreditar que apesar das dificuldades impostas pela vida, somos capazes de superar, de nos reinventar. E é refletindo sobre a importância da nossa história de vida que destaco as palavras de Chaloub :

Uma história de vida não é simplesmente uma narração de experiências vividas, mas também uma micro relação social. Toda entrevista biográfica é uma interação social complexa. Suas formas e conteúdos variam de interlocutor; dependem da interação que representa o campo social da comunicação, situam-se no interno de uma reciprocidade racional. A história da vida, mais que uma vida, conta a interação presente mediante o curso de uma vida. (CHALOUB,1989, p.10)

Pretendo destacar, com essa pesquisa, a importância da autoestima através de pesquisas bibliográficas e utilizar como metodologia entrevista com alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, colegas de turma, que aceitaram relatar suas experiências, as mesmas que contribuíram para a escolha do meu tema.

Capítulo I

I.1- O que é autoestima?

Para conceituar a autoestima, que é o tema motivador deste estudo, recorro a Rosenberg (1982) que nos diz que a autoestima é uma avaliação contínua que o indivíduo faz a respeito de si próprio. E é com base nesta avaliação que direcionará o seu comportamento aprovando ou não tais percepções. Para Briggs “A chave da paz interior e da vida feliz é a autoestima elevada, pois é ela que está por trás de todo relacionamento bem sucedido com os outros”. (BRIGGS, 2000, p. 27).

Compreende-se que autoestima é a concepção que se tem do seu próprio valor. É maneira como cada um se valoriza e a espécie de atribuição que dá a sua imagem. Se o indivíduo considera o seu potencial e o valoriza ou se devido às experiências de insucesso prevalece o sentimento de desvalia, de incapacidade. O resultado dessa avaliação incidirá diretamente no seu comportamento diante dos diversos aspectos da vida, afetando a maneira de lidar com as questões do seu cotidiano.

A definição de autoestima, segundo o psiquiatra Içami Tiba: “É o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma. Aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Trata-se de um dos mais importantes ingredientes do nosso comportamento”.(TIBA,1999,p.157). É a autoestima positiva que impulsiona a enfrentar os desafios da vida, a acreditar na capacidade de superação, ao contrário da baixa autoestima, que impede de seguir a diante por receio de não conseguir alcançar os objetivos, por estimar que não tenha potencial suficiente para romper as barreiras.

De acordo com Branden, um estudioso do assunto nos diz que: “a autoestima é a confiança em nosso direito de ser feliz, a sensação de que temos valor, de que somos merecedores, de que temos o direito de expressar nossas necessidades e desejos e de desfrutar os resultados de nossos esforços”. (BRANDEN,1998, p.8).

Atualmente a autoestima é um tema cada vez mais explorado, seja em revistas, livros, internet, programas televisivos, enfim, está popularmente conhecida. Diante de tantas abordagens, há um consenso que a autoestima deve ser trabalhada para propiciar benefícios ao indivíduo. A infância é a fase da vida em que o processo de desenvolvimento do autoconceito começa a ser formado, as informações externas são facilmente incorporadas neste período. A

escola é o local onde as crianças passam boa parte do tempo e por este motivo a responsabilidade é cada vez maior na formação da autoestima. É no âmbito escolar que as primeiras impressões, os contatos sociais, as amizades e os apelidos geralmente são adquiridos e estas informações internalizadas, formando a percepção que a criança tem de si própria e o valor atribuído a mesma.

A capacidade de desenvolver a autoestima é possível para todos, portanto é necessário que seja estimulada pelas pessoas que fazem parte do cotidiano da criança. Essa condição é construída ao longo do tempo, aos poucos, valorizando cada momento, cada progresso. Como bem intitula Moysés (2001) o seu livro “A autoestima se constrói passo a passo”, assim o desenvolvimento da autoestima se dá no percurso da caminhada. O que vai proporcionar o tipo de valor atribuído à autoestima é a relação da pessoa com os outros, com o meio em que está inserida.

É necessário além da pesquisa para se conceituar a autoestima, esclarecer também uma outra expressão: o autoconceito, que tem profunda ligação com a autoestima, daí a necessidade de abordá-lo para melhor compreensão do nosso estudo.

As percepções obtidas através dos outros, funcionam como uma espécie de espelho, que afetam o comportamento e também o desenvolvimento do indivíduo. Por isso é necessário atenção ao tipo de informação recebida, pois esta será somada as muitas outras obtidas com o passar do tempo. Portanto, ao longo da história de cada um esse conjunto de informações que se chama de autoconceito, terá um significativo valor denominado autoestima.

Para Fierro (1995) o autoconceito é um conjunto de conceitos, de representações que a pessoa faz a respeito de si mesma, e este é formado baseado nas informações que foram adquiridas.

As influências externas, o relacionamento com os outros é crucial na formação da personalidade da criança, estas informações obtidas no seu cotidiano são mais tarde internalizadas pela mesma.

Para Moysés (2001) “...a autoestima representa o nível de satisfação que a pessoa sente quando se confronta com o seu autoconceito.” (MOYSÉS, 2001,p. 27). A autora faz uma importante contribuição para a nossa reflexão que diz:

“Há, de fato, “muitas vozes” ao nosso redor, vozes que vão plasmando nosso conceito sem que o percebamos. Surgem nas mais diferentes situações. Em meio a uma briga, uma brincadeira ou a um simples comentário, essas vozes dizem coisas que nos calam no fundo do coração. Internalizadas, transformam-se, mais a diante, na nossa própria voz.” (MOYSÉS, 2001, p.22).

As palavras de Moysés nos remete a pensar na importância das palavras em nossas vidas, a maneira como falamos e como recebemos as palavras dos outros. Quem de nós nunca ficou parado, refletindo sobre o comentário de alguém ao nosso respeito? Destaco para melhor elucidar essa questão a explicação de Vygotsky (1989) que nos aponta com propriedade: “As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana”. (VYGOTSKY, 1989, apud OLIVEIRA, 1992, p.83).

A citação acima reforça a concepção da forte influência das palavras. Para a criança, estas caracterizam uma espécie de “estimulante” cujo efeito proporciona condições boas ou ruins para o seu desenvolvimento emocional. Na grande maioria das vezes as palavras são ditas sem uma preocupação com a forma que vai ecoar a quem ouve, e sem a devida consciência do poder que pode exercer na vida de quem as recebe. O que realmente terá um significado mais expressivo ficará internalizado. Essa repercussão dependerá do histórico de vida de cada um.

Segundo Moysés (2001) nos afirma:

Os aspectos internos derivam da forma como todas essas influências foram elaboradas na intimidade da pessoa. Implica atos do pensamento, emoções e sentimentos; implica, também, estados motivacionais. Reiterando: eles irão interagir com os conteúdos já existentes na mente da pessoa, isto é, com o “novo sistema com suas próprias leis”.(MOYSÉS, 2001, p. 27).

Nessa perspectiva, se transferirmos para a esfera da educação, a importância de se conhecer a bagagem de cada um ajudará ao professor compreender melhor as atitudes de seus alunos e conseqüentemente a relação será mais produtiva.

É nesse contexto que enfatiza Freire: “...nossas relações com os educandos, exigindo nosso respeito a eles, demandam igualmente o nosso conhecimento das condições concretas de seu contexto, o qual os condiciona.” (FREIRE, 1993, p.79).

Diante das considerações dos estudiosos citados percebe-se que o tema autoestima que anda “abraçada” com o autoconceito merece atenção especial, devido a sua importância na sociedade.

I.2- Afetividade e sua ligação com a autoestima na relação professor-aluno

Início falando sobre a afetividade com a colocação de Freire (1993) que aponta a importância de se estabelecer uma relação de afetividade no âmbito escolar:

É preciso não ter medo do carinho, não fechar-se à carência afetiva dos seres interditados de estar sendo. Só os mal-amados e as mal-amadas entendem a atividade docente com um quefazer insensíveis, de tal maneira cheios de racionalismo que se esvaziam de vida e de sentimentos. (FREIRE, 1993, p.69-70).

A afetividade é um fator de grande influência na autoestima, falar sobre ambas é abordar as relações entre as pessoas, pois são nas interações sociais que a afetividade e autoestima se manifestam. Segundo Wallon (2007) que foi um dos autores mais importantes nos estudos das emoções, enfatiza a importância das emoções na interação das crianças com o meio, por serem estas as primeiras manifestações afetivas que fazem parte da constituição da criança. A importância dessa interação é o que nos revela o precioso relato de Paulo Freire que demonstra que na sua adolescência tinha atitudes de baixa autoestima. Essa história contribui para reforçar a importância da afetividade na relação professor-aluno:

Nunca me esqueço, na história já longa da minha memória, de um desses gestos de professor que tive na adolescência remota. Gesto cuja significação mais profunda talvez tenha passado despercebida por ele, o professor, e que teve importante influência sobre mim. Estava sendo, então, um adolescente inseguro, vendo-me como um corpo anguloso e feio, percebendo-me menos capaz do que os outros, fortemente incerto de minhas possibilidades. Era muito mal humorado que apaziguado com a vida. Facilmente me eriçava. Qualquer consideração feita por um colega rico da classe já me parecia o chamamento à atenção de minhas fragilidades, da minha insegurança.

O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais que a nota dez que me atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar”. (FREIRE, 1996, p.42-43).

Para Freire (1996) esse fato foi muito marcante e enfatiza que a propagação de gestos como estes dentro do âmbito escolar é uma questão que merece reflexão. E critica a valorização e limitação da escola na prática de ensinar apenas os conteúdos.

Muitas das vezes o professor não se dá conta da influência que suas atitudes e gestos podem provocar na vida de seus alunos. Um simples gesto feito pelo professor de Paulo Freire, que provavelmente nem foi percebido pelo educador, foi determinante naquele momento da sua vida, provocou uma reação contra a condição de total insegurança que vivenciava. Foi um gesto, sim, apenas um “simples” gesto que motivou o aluno tão fragilizado, com sentimento de inferioridade a acreditar no seu potencial, na sua capacidade.

É refletindo sobre o depoimento de Freire, um dos mais importantes e consagrados educadores, que reforço a importância do papel do professor na nossa sociedade. Cabe ao educador refletir sobre o desempenho do seu papel na vida dos alunos, repensar as suas práticas e os possíveis erros, pois errar de acordo com Morin (2000) faz parte do processo de aprendizagem e do progresso do conhecimento. O professor deve tratar o aluno da mesma forma que gostaria que fosse tratado, é usando a “antropo-ética” abordada por Morin (2000) de não querer para as outras pessoas o que não quer para si próprio que o professor terá uma relação de proximidade com seu educando.

Assim como os gestos são capazes de promover a autoestima, também influem no rebaixamento da mesma. A conscientização da importância desses gestos colabora para criação de um ambiente mais harmonioso entre as pessoas. A capacidade de interação do indivíduo com os outros é motivada quando este acredita que a sua presença é valorizada.

A Pedagogia de Freinet(1979) por exemplo, expressa o seu interesse pela individualidade da criança, pela valorização da sua história. Buscava maneiras para despertar o interesse dos seus alunos para as suas aulas e não se limitou a observar seus alunos, mas também registrava o comportamento de cada um. Toda essa dedicação era retribuída, pois os educandos atraídos pelas suas propostas de trabalho “abraçavam” as tarefas com satisfação. O conhecimento sobre os seus educandos permitiu um melhor entendimento a respeito das suas necessidades, o que culminou numa relação de proximidade e melhor rendimento escolar. Freinet tinha a capacidade de se colocar no lugar da própria criança, o que facilitava a compreensão da mesma.

Aponto que nos dias atuais, é grande a dificuldade do professor em conhecer a história de vida dos seus alunos, pois trabalha em várias escolas para complementar a renda, a quantidade excessiva de alunos, o estresse, a desmotivação da sua parte e também dos seus educandos, são alguns dos fatores que colaboram para a falta de investimento na relação do docente com discente. Saber simplesmente os nomes dos seus educandos é uma tarefa nada fácil para o educador, que somente alongando bem os seus braços conseguirá “abraçar” a

difícil tarefa de não somente conhecer a história dos seus educandos, mas também fazer parte dela.

É cada vez mais comum atribuir culpa à escola pelos fracassos do aluno, se é um infrator, é a escola culpada pelo insucesso, ou se é uma criança sem limites cabe a ela impor limites, educar... Mas como diz o ditado popular: “educação vem de casa” ou seria mais justo dizer: “educação vem da escola”? Sim, pois é a escola que assumi a tarefa de educar. Sem querer abster a escola da sua parcela de responsabilidade na formação do aluno, mas ressalto que a responsabilidade precisa ser compartilhada, a família não pode enxergar essa instituição como um depósito em que coloca seu filho, “cruza os braços” e ali a educação será efetivamente realizada. Enquanto as outras instituições também responsáveis “lavam as mãos” e ignoram o seu dever e importância na formação dos educandos, cabe à escola carregar nos seus ombros cansados a difícil tarefa de educar.

Devemos refletir criticamente sobre esta questão complexa e buscar soluções que não se encontram em livros didáticos, mas na reflexão contínua sobre as situações adversas inerentes da nossa sociedade.

Apesar de toda a adversidade que norteia o âmbito escolar, é necessário que o professor não deixe se esmorecer por este conjunto de fatores desmotivadores, e busque soluções para estas questões. E acima de tudo ame o que faz, pois o amor e a afetividade são verdadeiros combustíveis para prosseguir o trajeto. Pois se o educador não amar verdadeiramente a sua profissão não terá forças para enfrentar os seus desafios.

Saliento as considerações de Chalita no seu livro “Educação: a solução está no afeto” cujo próprio título já é bem pertinente à questão:

O professor que não gosta de aluno deve mudar de profissão. A educação é um processo que se dá através do relacionamento e do afeto para que possa frutificar. Professores que não vibram com os seus alunos são como pais que preferem os filhos afastados de si o maior tempo possível, ou seja, não fizeram a escolha vocacional mais adequada às suas disposições de espírito.
(CHALITA, 2001, p.54).

A realidade educacional é precária, mas o professor deve confiar no seu trabalho, levando sempre em consideração que a sua atuação exerce forte influência na vida de muitas pessoas. O professor que valoriza o seu aluno, tem a preocupação em manter-se perto, demonstra seu interesse, escuta o que tem a dizer, certamente contribui para que este aluno também valorize a si próprio. É certo que são muitas as dificuldades para o educador

conseguir se “desdobrar” para atender a todos, mas é importante para o aluno sentir o interesse do professor em acompanhar o seu processo de aprendizagem, em demonstrar que acredita no seu potencial, passando assim, segurança para o discente executar as suas tarefas com mais confiança em si mesmo. A concepção da necessidade de envolvimento do professor na execução do seu trabalho é enfatizada criticamente por Freinet:

(...) um educador já sem gosto pelo trabalho, é um escravo do ganha pão e que um escravo não poderia preparar homens livres e ousados; que não podes preparar os alunos para contribuírem, amanhã, o mundo dos seus sonhos, se já não acreditares nesse sonho; que não podes prepará-los para a vida, se já não acreditas nessa vida; que não poderás mostrar-lhes o caminho se te deixas ficar sentado, cansado e desanimado, na encruzilhada dos caminhos.(FREINET,1967, p.146).

É necessário o comprometimento do educador para que seja possível o constante acompanhamento desse processo. A necessidade dessa proximidade na relação professor-aluno é apontada por Hoffmann (2001) de acordo com a autora, o professor deve estar junto do seu aluno na sua trajetória, oferecendo ajuda de acordo com as necessidades do mesmo, mostrando as possíveis direções. Salienta que acompanhar o educando torna o compromisso do professor ainda maior.

As pessoas que compõem o ambiente escolar precisam realmente estar envolvidas com os alunos, proporcionando condições para que os mesmos desenvolvam sua capacidade afetiva, para isso ser possível é também necessário que estes formadores tenham as suas respectivas afetividades ativas, pois ninguém pode oferecer ao outro o que não tem. Através das colocações de Rossini, podemos diagnosticar os riscos que a ausência da afetividade pode provocar:

As crianças devem ter oportunidade de desenvolver a sua afetividade. É preciso dar-lhes condições para que seu emocional floresça, se expanda, ganhe espaço. A falta de afetividade leva à rejeição aos livros, à carência de motivação para a aprendizagem, à ausência de vontade de crescer. Portanto uma das nossas máximas é: aprender deve estar ligado ao ato afetivo, deve ser gostoso, prazeroso. (ROSSINI, 2001, p.15).

A relevância da afetividade na relação professor-aluno também é apontada por Aquino (1996) que diz:

Os laços efetivos que constituem a interação professor-aluno são necessários à aprendizagem e independem da definição social do papel

escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas, tendo como base o coração da interação professor-aluno, isto é, os vínculos cotidianos.
(AQUINO, 1996, p.50).

A afetividade desempenha um papel crucial no processo de desenvolvimento da personalidade. E este fato nos levar a acreditar que podemos construir uma educação pautada nessa perspectiva, em que o professor contribui com o seu comportamento afetivo para com seu alunos, estimulando a sua autoestima, dando-lhes esperança e acima de tudo incentivando-os a acreditar no seu potencial, que é colocado a prova toda vez que uma situação contrária se levanta, pode ser a dificuldade de aprendizagem, uma nota baixa na matéria, seja qual for a origem da impotência do aluno, cabe ao professor não deixar a esperança desfalecer e estimular sempre a prosseguir, a fazer uma, duas, três, várias tentativas até conseguir alcançar o seu objetivo.

Podemos citar como exemplo de perseverança o nosso ex-presidente Lula, que apesar de várias tentativas frustradas na eleição, não desistiu e conseguiu realizar o sonho de alcançar a Presidência da República do Brasil.

Essa conduta de persistência precisa ser constantemente estimulada, esta concepção faz emergir da memória auditiva a canção de Raul Seixas:

Tente Outra Vez

Composição : Raul Seixas / Marcelo Motta / Paulo Coelho

Veja!
Não diga que a canção
Está perdida
Tenha fé em Deus
Tenha fé na vida
Tente outra vez!...

Beba! (Beba!)
Pois a água viva
Ainda tá na fonte
(Tente outra vez!)
Você tem dois pés
Para cruzar a ponte
Nada acabou!
Não! Não! Não!...

Oh! Oh! Oh! Oh!
Tente!
Levante sua mão sedenta

E recomece a andar
 Não pense
 Que a cabeça aguenta
 Se você parar
 Não! Não! Não!
 Não! Não! Não!...

Há uma voz que canta
 Uma voz que dança
 Uma voz que gira
 (Gira!)
 Bailando no ar
 Uh! Uh! Uh!...

Queira! (Queira!)
 Basta ser sincero
 E desejar profundo
 Você será capaz
 De sacudir o mundo
 Vai!
 Tente outra vez!
 Humrum!...

Tente! (Tente!)
 E não diga
 Que a vitória está perdida
 Se é de batalhas
 Que se vive a vida
 Han!
 Tente outra vez!..

É nessa perspectiva de persistência em romper as barreiras, que muitas das vezes se levantam para nos afligir, para “roubar” os nossos sonhos e impedir que enxerguemos o outro lado, que devemos acreditar. Propiciar um ambiente norteado pela afetividade é contribuir para a promoção da autoestima. Apesar da precariedade do nosso sistema educacional, o professor deve buscar mecanismos para evitar a evasão e atrativos para a permanência dos alunos na escola, lutar para evitar que o aluno acometido pelo insucesso escolar abandone este espaço que é seu por direito.

Capítulo II

II.1 - Como promover a autoestima?

Trabalhar a autoestima não é simples, então como promovê-la? É uma questão que demanda estudo, diante dessa necessidade de investigação é pertinente considerar que autoestima é o resultado das interações com o meio. Diagnosticar a causa da desvalia da pessoa é uma boa forma de aplicar práticas para aumentá-la, deve se considerar que cada um tem a sua individualidade, daí a dificuldade em se ter uma forma linear de tratamento.

Segundo Moysés (2001), cada pessoa tem a sua história de vida, os fatores externos influenciam de acordo com o histórico de cada um. Por esse motivo, que determinadas situações afetam com mais intensidade a autoestima de forma positiva ou negativa. De acordo com a autora é necessário cautela para o seu processo, devido a sua complexidade. Os fatores que rebaixam a autoestima da pessoa não são tão evidentes quanto parece, é prudente investigar os motivos que contribuíram para alguém desvalorizar a si próprio.

Para Cavalleiro (2001) a promoção da autoestima no âmbito educacional é essencial, deve-se adotar uma prática pedagógica comprometida em promover e respeitar o indivíduo e suas relações de coletividade. Aponta também a importância de compreender as diferenças entre seus alunos, considerar que a individualidade faz parte de um coletivo diversificado, estimular o desenvolvimento da criança considerando os vários aspectos que fazem parte da sua formação.

Nessa perspectiva de aumentar a autoestima, a mesma autora considera a afetividade um fator de suma importância no processo de ensino aprendizagem, pois acredita que o aprendizado é mais eficaz quando o indivíduo está preparado emocionalmente para recebê-lo.

Como já enfatizado anteriormente, trabalhar a questão da autoestima não é tão fácil, pois conforme apontando no desenvolvimento desse trabalho, há a necessidade de se investigar não somente os estudos sobre o tema, mas principalmente buscar conhecer a história de vida de cada um, pois não existe uma fórmula “mágica” que funciona igualmente para todos, trata-se de pessoas diferentes, com experiências de vida distintas, com possíveis medos, ansios, angústias, que interferem na forma de valorização de si próprio. Há uma série de fatores que implica no resultado da ação em prol da promoção da autoestima, mas certamente é crucial o conhecimento de cada um para ter um resultado mais satisfatório.

O próximo tópico desta pesquisa, é destinado a entrevista com os estudantes de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, que respondem a questão da promoção da autoestima. As opiniões apresentadas pelos entrevistados a respeito do tema acrescentam as considerações abordadas no capítulo II-II.1.

II.2- Entrevista com estudantes de Pedagogia

Neste capítulo, a metodologia de pesquisa aplicada é a entrevista com a finalidade de refletir sobre as questões ligadas a autoestima e investigar a sua promoção. Através de relatos, coletados através de e-mail, pessoal e telefone, sendo que devido aos contratempos dos envolvidos, apenas a primeira entrevista foi realizada na faculdade e gravada, as demais foram obtidas através dos outros meios citados acima.

A ideia de trabalhar com entrevistas surgiu do interesse de abordar as histórias ouvidas na sala de aula, são experiências que marcaram as vidas de amigos da faculdade, estudantes de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Diante dos fatos por estes apresentados e a sua relação com o meu tema de conclusão de curso, convidei os mesmos para compartilhar tais histórias na minha pesquisa, gentilmente aceitaram expor suas experiências e identificar também seus nomes e dados pessoais.

A importância de se compartilhar na sociedade é enfatizada no livro escrito por Zygmunt Bauman: *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*, que diz: “Viver em sociedade” - concordando, compartilhando e respeitando o que compartilhamos - é a única receita para vivermos felizes (se não felizes para sempre)”. (BAUMAN, 2008, p.8).

Para a realização das entrevistas, foram convidados sete estudantes do curso de Pedagogia: Fábio, Andréa, Nelceli, Eliza, Liliane, Renato e Paula Fernanda. Os participantes responderam as seguintes questões solicitadas:

- 1) Relatar sobre algum fato vivido por você que tenha afetado a sua autoestima. O que você sentiu? E quais as consequências para a sua vida?**
- 2) O Pedagogo deve está atento a questão da autoestima. Como que você acha que deve ser feita a promoção da autoestima na escola?**

Primeira entrevista:**Fábio Simor****Perfil do entrevistado:**

Nome: Fábio Reis Clete Simor

Idade: 24 anos

Estado civil: Solteiro

Formação: Pedagogia

Profissão: (Estudante)

Resposta da primeira questão:

1) Quando eu estava na segunda série, estudava no Tia Teresa em Itaipu, fazia estudo dirigido, após ter feito todos os deveres, todas obrigações do dia, simplesmente eu era criança, estava à toa, então peguei uma tesourinha e coloquei na boca, a parte que a gente aperta da tesoura, e fiquei abrindo e fechando. Quando a professora chegou e me viu sem fazer nada, pois já tinha feito todos os deveres, ela me tirou da sala e começou a andar comigo pela escola, querendo me humilhar, eu estava distraído colocando a tesoura na boca, mas quando ela viu, logo tirei da boca, mas ela mandou colocar na boca novamente e começou a andar comigo pela escola, às vezes, entrava nas outras salas de professores que me conheciam também.

Isso gerou quase a expulsão dela, pois minha mãe foi na escola e vez o carnaval lá, e eu concordo com minha mãe, pois eu tinha uns nove, dez anos de idade e a professora ficou passeando comigo com a tesoura na boca e eu que nem um maluco.

Minha mãe ficou muito furiosa e a explicação que ela deu é que estava mal humorada, deu uma desculpa de estresse... Só que ela quis descontar no aluno, que tinha uma mãe “braba”, ela quase foi expulsa, acho que deveria ser, mas não foi....

Ela ficou me zuando com a tesoura na boca e depois voltou comigo pra sala e eu fiquei chorando dentro da sala, eu sentir vergonha e raiva dela. E isso é muito ruim pra criança...

As outras aulas foram horríveis e acabei saindo do estudo dirigido e fiquei estudando só de manhã eu abandonei a aula dela e fui fazer o estudo com outra professora.

Esse fato causou muito constrangimento... tive que sair da turma dessa professora (eu até gostava dela), mas ela vacilou feio... Fui fazer aula com outra professora que eu não

conhecia. Para superar eu me distanciei procurando esquecer o fato, a minha mãe me deu força dizendo: para eu não ligar pra isso que ia passar, que era a professora que estava errada, foi muita vergonha na hora.

Segunda entrevista:

Andréa Corrêa

Perfil da entrevistada:

Nome: Andréa Corrêa da Silva

Idade: 41 anos

Estado civil: Casada

Formação: Pedagogia

Profissão: Merendeira

Resposta da primeira questão:

1) Bem Figale, quando eu estava com oito anos eu passei por um problema de incontinência urinária. Isso me causou muitos constrangimentos, pois as pessoas naquela época não compreendiam que eu não tinha controle sobre a situação.

Minha madrinha, por exemplo, me fez passar a maior vergonha diante dos amigos dela de faculdade, dizendo que não iria me levar ao parque com eles, pois eu era muito mijona e fazia xixi nas calças. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu nunca detestei tanto uma pessoa como naquele momento, não fosse a educação que recebi acho que teria voado nela. Pois foi a maior vergonha, todos riam de mim. A consequência disto é que hoje raramente vou ao banheiro na rua, muitas vezes fico o dia todo no trabalho e não vou ao banheiro, faço isso quando chego a minha casa. Quanto a minha madrinha, me afastei dela e tudo que ela me dava eu fazia pouco caso, só fui realmente fazer as pazes com ela quando engravidei do meu primeiro filho, onde ela me deu total apoio e bons conselhos, talvez a faculdade tenha aberto a mente dela. Rsr rsr.

Quanto à superação, veio através de tratamento médico e do apoio de minha mãe e de minha avó materna, que me deram muito carinho e compreensão, você imagina o tamanho da paciência de minha mãe, que quase todos os dias amanhecia ensopada. Rsr rsr.

Terceira entrevista:**Nelceli Costa Dantas****Perfil da entrevistada:**

Nome: Nelceli Costa Dantas de Oliveira

Idade: 37 anos

Estado civil: Casada

Formação: Pedagogia

Profissão: Professora

Resposta da primeira questão:

1) Existia na mesa da minha professora uma pedra de mármore redonda que servia para avisar aos alunos que o banheiro, que ficava no quintal, estava ocupado. Cada aluno que fosse ao banheiro, deveria levar a pedra consigo. Ao retornar, deveria deixar a pedra em seu lugar para que os outros alunos entendessem que estava livre ou ocupado, evitando, assim, que mais de um aluno fosse ao banheiro ao mesmo tempo.

Um dia, logo depois do lanche, eu senti vontade de ir ao banheiro. Quando procurei com o olhar sobre a mesa da professora a pedra que indicava se o banheiro estava livre ou ocupado, não estava lá. Fiquei ansiosa e a vontade só aumentava. Pensei em perguntar a professora sobre a ausência da pedra, mas tive medo de ser punida por ela.

Eu tinha medo da escola e da professora e esse medo foi um poderoso freio para mim. Com medo e submissa, naquele momento não desenvolvi toda a minha potencialidade. Para buscar o conhecimento é preciso não ter medo de errar.

Lembro de ouvir, nesta situação acima descrita, a professora logo gritar: não quero ouvir nenhuma conversa, fiquem quietos e de cabeça baixa, caso contrário ninguém vai embora hoje. Dei a última olhada sobre a mesa e baixei minha cabeça. Só senti quando o xixi escorreu pela perna para baixo e as lágrimas também rolarem com a mesma velocidade que a urina.

Fiquei ali, na mesma posição. O sinal tocou, todos foram embora e eu continuava no mesmo lugar. Foi quando a professora percebeu que algo de errado estava acontecendo, e perguntou: Porque você continua aí sentada? Não quer ir para casa? Antes que eu

respondesse, ela pode ver a poça que se formou embaixo da minha cadeira. Ela, então, perguntou: Por que você não foi ao banheiro? E com muita dificuldade (pois estava engasgada com o choro) respondi: Estava esperando desocupar. A pedra não estava sobre a mesa.

E a professora sorriu (raramente ela sorria) e falou: A pedra sumiu! Hoje não tem pedra. Essa situação me causou um bloqueio emocional, social e intelectual muito grande, pois aumentou ainda mais minha timidez e por várias vezes perdi oportunidades em minha vida, pois não conseguia me expressar claramente, sempre recuava diante das tomadas de decisões.

Quarta entrevista:

Eliza Marques

Perfil da entrevistada:

Nome: Eliza A. M. da Silva Martins

Idade: 41anos

Estado civil: Casada

Formação: Serviço Social e Pedagogia

Profissão: (Estudante)

Resposta da primeira questão:

1) Olá Eliane!

Eu tinha treze anos quando perdi meu pai. Toda minha vida mudou, pois ficamos sem recursos financeiros, na época eu cursava a oitava série do ensino fundamental, no período matutino. No ano seguinte precisei estudar a noite para procurar trabalho. Foi muito difícil para mim. Não estava acostumada a trabalhar, sempre tive tudo do bom e do melhor. Estudar de dia e trabalhar à noite, era o meu objetivo. Até então, já havia passado por algumas decepções, porém não tão forte quanto a que eu estava prestes a passar.

Já estava cansada de procurar trabalho, só aparecia trabalho de doméstica, e não dava tempo para estudar. Eu tinha vários cursos, não desmerecendo o trabalho doméstico, eu queria mais, achava que me dariam trabalho em algum escritório, pois me achava capacitada para tal.

Um dia uma vizinha veio me dizer que uma fábrica estava contratando. Nem quis saber qual era a função, fui logo tentar uma colocação, quando lá cheguei havia muitas pessoas na fila, ficamos aguardando algum tempo, quando o gerente apareceu no portão e perguntou: Alguém tem curso de secretariado e sabe datilografia máquina elétrica? Fiquei tão feliz, eu estava preparada para assumir tal função. Há trinta e três anos atrás, quase ninguém estava qualificado para essa função. Sendo assim apenas duas pessoas: eu e mais uma nos disponibilizamos a fazer o teste. As outras pessoas que estavam na fila foram dispensadas, mandaram que entrássemos e logo em seguida deram uma ficha para que preenchêssemos.

A menina que entrou comigo estava muito nervosa e mal conseguiu preencher a ficha, dei uma ajuda a ela. Logo em seguida a chamaram, e eu fiquei na sala aguardando, porém não demorou muito e ela saiu da sala chorando, não conseguiu fazer os testes. Eu fiquei mais ou menos uma hora aguardando, quando resolvi perguntar por que não me chamaram para fazer os testes? Disseram que alguém iria vir falar comigo. Realmente logo apareceu alguém que me falou que eu não precisaria fazer o teste, pois já haviam encontrado alguém para ocupar a vaga.

Custei a acreditar que não me deixaram fazer o teste por eu ser negra. Conversando com minha vizinha pude entender melhor, ela esclareceu as minhas dúvidas. Eles só admitiam negros pra trabalhar com máquinas, o escritório não, até então não era local apropriado para os negros.

Fiquei tão triste com a situação que não consegui passar na escola, era a minha primeira reprovação, passei a estudar por estudar, não tinha muito objetivo. O meu comportamento era muito rebelde, vivia fazendo bagunça, soltava bomba dentro da escola, aprontava com as professoras, era uma criança revoltada, fazia de tudo para chamar a atenção dos outros. Custei a entender que precisava superar e seguir em frente. Com muito sacrifício, consegui terminar o ensino médio. Porém mesmo depois de formada não consegui trabalho na área, fui trabalhar em um supermercado, depois em uma confecção. Em 1988 me casei e esqueci meus sonhos por algum tempo. No fundo tinha vontade de cursar uma universidade. Comecei dando aulas de reforço para crianças durante o dia e a noite fazia pré-vestibular comunitário. Passei para a UERJ em 2006 (Pedagogia) e para UFF em 2007 para (Serviço social).

As consequências foram anos perdidos, sem estímulo. A superação é uma busca constante do negro para manter-se com dignidade na sociedade que exclui mesmo quando pensa que inclui.

Quinta entrevista:

Liliane Vieira

Perfil da entrevistada:

Nome: Liliane Vieira Barbosa Marins

Idade: 24 anos

Estado civil: Casada

Formação: Pedagogia

Profissão: Professora

Resposta da primeira questão:

1) O que aconteceu em minha vida que de fato afetou minha autoestima foi uma ocasião em que minha mãe fora chamada pela professora de Matemática da 4ª série do Ensino Fundamental para relatar minhas dificuldades na disciplina.

Até então não havia mal algum em uma professora comunicar a um responsável pelo aluno suas dificuldades, porém a forma como foi dito é que trouxe um problema para minha maneira de ver a mim mesma e a vida de um modo geral. Indo mais diretamente à história, a professora que outrora já havia dado aulas para meu irmão, tendo percebido sua habilidade com a matemática, perguntou à minha mãe sobre o porquê de ele que, segundo suas palavras, era mais inteligente, não me ensinava a matéria.

Aquelas palavras soaram ao meu ouvido como um rebaixamento, uma humilhação para uma criança de apenas dez anos de idade que já era tímida, de poucos amigos e vítima de bullying, exatamente por estes motivos...O bastante para eu me sentir “menos” em vários âmbitos da vida.

Até a adolescência eu me sentia assim, porém, com o tempo consegui superar este sentimento de inferioridade. Primeiro, sempre fui uma pessoa que acreditou e se dedica a seguir os ensinamentos de Jesus Cristo. Muitas pessoas são mudadas por leituras de vários autores consagrados, no entanto, eu preferi consagrar a minha vida a um autor que embora pareça irreal, é o mais presente e criativo que existe! E, em segundo lugar, com o passar do tempo, usava armas como a leitura e também a escrita que me ajudavam a expressar o que

sentia, me fazendo pensar sobre a vida e entender as diferenças de opiniões, de atitudes, de habilidades.

Além desse processo mais espiritual que religioso, houve mudanças significativas em minha mente, em meu coração, enfim, no modo como via o ambiente que me cercava. Muitas vezes passamos por situações que significamos de uma forma que nos fazem sofrer, mas por outro lado (e o melhor) nos fazem aprender – e por toda a vida. Este, foi um dos principais motivos que me levaram a escolher a Educação escolar como área de atuação e significação do (meu) mundo.

Sexta entrevista:

Renato Poubel

Perfil do entrevistado:

Nome: Renato Poubel de Sousa Assumpção

Idade: 26 anos

Estado civil: Casado

Formação: Educação Física e Pedagogia

Profissão: Professor

Resposta da primeira questão:

1) Certa vez fui acusado de ser racista. Em uma escola franciscana, houve uma festa, e eu dançaria com uma menina em que eu era apaixonado. Mas de uma hora para a outra, as freiras resolveram me trocar de par, e me colocaram com uma menina negra. Eu recusei, falei que se não fosse com a menina que eu estava dançando eu não dançaria. Fui acusado de racismo. Eu não era racista, a menina que gostava não era branca e sim de pele bem morena, naquele momento eu apenas via na dança uma oportunidade de dançar com quem eu estava apaixonado... paixão de criança. Isto foi na alfa. Eu me senti muito mal. Principalmente porque fui impedido de ir à festa, por ter me recusado a dançar. No domingo, dia da festa, fui à casa de meu avô. Quando voltava para casa, desci do ônibus, e dei de cara com a menina negra na qual eu me recusei a dançar. Eu fiquei com um pouco de raiva porque não fui à festa.

Acho que conseguir superar bem. Por isto não posso dizer que sou traumatizado. Apenas, me marcou porque sei que fui injustiçado. Após o fato, o colégio agiu como se nada tivesse acontecido, e parou de me acusar. Acho que isso me ajudou a superar.

Acredito que estudar no CIEP, em um outro colégio estadual, e lidar com pessoas de todas as raças e diferentes situações sociais, (de classe média baixa a miserável) pode ter me ajudado a superar tudo.

Sétima entrevista:

Paula Fernanda

Perfil da entrevistada:

Nome: Paula Fernanda Nunes Ferreira

Idade: 30 anos

Estado civil: Solteira

Formação: Arquivologia e Pedagogia

Profissão: Arquivista e pedagoga

Resposta da primeira questão:

1) Estudar matemática já não é fácil para maioria dos estudantes e devido a práticas como da professora (desculpa-me tentei lembrar do nome dessa professora, porém não conseguir) o meu primeiro ano do ensino médio foi tenso, e continuou até o seu término, uma vez que no decorrer dos três anos tive que conviver com a mesma professora e sua metodologia.

Ela sempre aplicava um teste depois de uma matéria nova e no final agregava essas notas e dependendo desse somatório não era necessário fazer a prova da final, pois esta uniria toda matéria dada no semestre. Porém, no primeiro teste somente três alunos tiveram as suas notas escritas nos testes, em uma turma de trinta. Então os outros alunos começaram a perguntar o porquê a professora ainda não tinha dado suas notas? E quando ela respondeu foi um espanto geral: Eu só dei nota àqueles que tiram nota na média, aqueles que não alcançaram a média eu não quis gastar minha caneta vermelha para dar notas baixas. Foi um silêncio terrível, ninguém imaginava que a professora falaria aquilo.

Fiquei mal e desesperada porque nunca fui a melhor aluna da sala principalmente em matemática. Ou seja, já me via reprovada. E realmente tive muitos testes sem nota e tive que fazer pelo menos duas provas finais do segundo e terceiro bimestre do primeiro ano do ensino médio e além de uma recuperação no segundo ano.

Acabei dando tanta prioridade para matemática que me vi prejudicada em outras disciplinas. Não soube administrar esta situação. Era um terror psicológico. Na sala os alunos faziam bolões de quem teria nota a cada teste. Eu pedia ajuda sempre aos “mais inteligentes” da turma, para participar de grupo de estudo para me ajudar.

Quando conseguir minha primeira nota parecia que tinha passado de ano, quase chorei e incentivava os outros alunos dizendo se eu conseguir você também consegue. Era quase uma oração essa frase, todos diziam a mesma coisa.

Na verdade nunca superei esse episódio, mas me adaptei, foram três anos com a mesma professora e mesma metodologia. E ainda tive que aguentar uma recuperação no segundo ano, pois tinha ficado com seis e meio na nota final, mesmo assim ela me colocou em recuperação. Cabe relatar que foi a primeira vez que ficava nesta situação. Eu reclamei e falei com minha mãe e ela foi ao colégio reclamar e a professora conseguiu convencê-la que seria o melhor para mim, pois eu poderia ficar com uma nota muito melhor. Fiquei na média final com nove e meio. Mas, foi difícil lidar com esta situação, uma vez que todos os alunos já curtiam as férias e eu ia para o colégio. Além disso, recebi como “castigo” da minha mãe, a qual relatava que só poderia voltar a brincar na rua depois de passar na disciplina.

2) O pedagogo deve estar atento para a questão da autoestima. Levando em consideração esse aspecto, a segunda pergunta feita aos entrevistados foi a seguinte: Como você acha que deve ser feita a promoção da autoestima?

Primeira entrevista:

Fábio Simor

Resposta da segunda questão:

2) Tem que ser totalmente diferente dessa professora que eu tive. Acredito para que a criança tenha uma autoestima alta, primeiro tem que ser observar histórico dessa criança, da

onde ela vem, analisar as crianças para conhecer melhor, não só as das salas, mas de toda a escola, procurar conhecer mais os alunos, para tentar sempre incentivar os alunos a aprender com você, sempre tentando mostrar que a escola não é um espaço chato, tentar de uma forma diferenciada, de um modo didático inovar, não ficar só no tradicional, tentar criar um ambiente melhor para o aluno e nunca tentar humilhá-lo, dizendo que você é que sabe tudo e ele não sabe nada, pois é sempre uma troca, sempre ouvir o aluno e não denegrir a sua imagem.

Segunda entrevista:

Andréa Corrêa

Resposta da segunda questão:

2) Quanto a nossa atitude como educadoras diante de um problema desses, acredito que seja necessário usarmos a escuta sensível e o olhar investigativo, que segundo René Barbier são requisitos indispensáveis à prática do educador-pesquisador, que nos levam a apreender/compreender além dos sons audíveis, as palavras e os silêncios, as expressões e os gestos, as condutas e as posturas que os sujeitos assumem dentro do universo escolar (BARBIER,1993, apud SILVA, 2010, p. 22). Quando usamos essa estratégia conseguimos ver nossos alunos como realmente o são, pois muitas das vezes a agressão física ou verbal que eles fazem é fruto de uma autoestima abalada por passagens como a que descrevi acima e até coisas piores. Para ajudarmos a nossas crianças a reconstruírem sua autoestima é necessário interagir com elas, ou seja, é preciso ganhar sua confiança, fazer com ela veja que temos respeito por ela e que levamos a ela e suas dificuldades a sério, isto é, não fazemos pouco de seus problemas. Dessa forma ela se sentirá confiante, segura, capaz de se olhar de forma diferente e enxergar todo seu potencial, sua capacidade de transformação. René Barbier nos esclarece:

A atitude requerida pela escuta sensível é a de uma abertura holística. Trata-se de entrar numa relação com a totalidade de outro, considerando em sua existência dinâmica. A pessoa só existe pela atualização de um corpo, de uma imaginação, de uma razão, de uma afetividade em interação permanente. (BARBIER, 1993, p. 212).

Então acho que podemos perceber que a afetividade transmitida pela minha mãe e avó, foi o que me ajudou a superar e isso é confirmado nas palavras de Barbier.

Terceira entrevista:

Nelceli Costa Dantas

Resposta da segunda questão:

2) Hoje como educadora sou totalmente contra esse tipo opressivo de educação acredito que esta forma de “educar” tendo como base o castigo, não contribui na formação e no desenvolvimento das capacidades e habilidades da criança, visto que a educação era imposta sem qualquer afetividade, que considero o fator fundamental para o desenvolvimento da criança e da promoção da sua autoestima.

Quarta entrevista:

Eliza Marques

Resposta da segunda questão:

2) A autoestima deve ser trabalhada na escola para que o aluno sintam-se integrado e possa conquistar seus sonhos e mesmos que as adversidades apareçam ele possa estar preparado para superá-las com dignidade sem esmorecer.

Quanto a promoção da autoestima especificamente do negro, acredito que trabalhar com projetos visando sensibilizar os alunos a respeito da questão racial é uma maneira de permitir aos alunos terem um olhar crítico (diferenciado), levando a análise para as suas situações cotidianas, objetivando a superação do racismo no cotidiano escolar, desse modo, poderá contribuir para:

- Trabalhar a questão da diversidade em sala de aula;
- Construir identidades positivas e estimular o respeito às diferenças;
- Tornar o aluno negro (que é maioria na escola pública), sujeito de sua própria história, enfrentando criticamente os desafios que lhes serão apresentados;

- Romper com o silêncio sobre questões relativas ao racismo, juntamente com a possibilidade de construção de uma prática pedagógica para o respeito à diversidade e valorização da pessoa humana;
- Elevar a autoestima desse aluno e, conseqüentemente, a construção positiva de sua identidade racial.

Quinta entrevista:

Liliane Vieira

Resposta da segunda questão:

2) Apesar desse fato ter acontecido há quatorze anos atrás, ainda hoje muitos profissionais da educação continuam não pensando sua profissão, seu papel no mundo daqueles com os quais lidam no cotidiano escolar. Sendo assim, penso num aspecto muito forte e que influencia num processo de ensino-aprendizagem mais compromissado com a qualidade da educação: a presença da comunicação entre os atores educacionais, ou seja, uma educação democrática onde haja respeito às vozes, às habilidades e formas de ser que ali se manifestem.

É preciso o cuidado de se saber que há fatos intencionais e não intencionais no cotidiano escolar e tanto um quanto o outro poderá fazer parte do aprendizado de cada educando e também dos educadores. Portanto, Morales (2006), diz:

Pretendemos que nossos alunos aprendam algumas coisas... Mas pode acontecer que, além disso (ou em vez disso), eles estejam aprendendo outras, que preferiríamos que não aprendessem e que aprendem porque nós lhes ensinamos, embora não nos demos conta disso (ou não nos demos conta inteiramente, mas não damos especial atenção a esse aprendizado não-intencional). (MORALES, 2006, p. 15)

Sexta entrevista:

Renato Poubel

Resposta da segunda questão:

2) É muito complexo falar sobre este assunto. Principalmente quando trabalhamos em escolas sem estrutura, com professores que trabalham em 3, 4, 5... escolas diferentes...

Enfim, primeiramente este ponto deveria ser repensado. Outro ponto que creio, é que o trabalho da autoestima, não pode ser voltado a apenas um projeto. Projetos vão, passam e se ficam apenas nos projetos, são esquecidos. O trabalho em projeto é interessante, mas não é suficiente. O trabalho deve estar inserido no dia a dia, em conjunto com os conteúdos em que você trabalha. Por exemplo, eu dou aula para o EJA, uma das coisas que eu percebo é a falta de autoestima. Nós dois temos uma pessoa em comum que passa por isto. Você sabe do que eu estou falando. Se apenas eu chegar, e passar o conteúdo, 50% da turma vai sair. Mas se eu intercalo aulas com conteúdos específicos, com trabalhos que trabalham a autoestima, os alunos se sentem mais capazes, se sentem valorizados, se sentem melhor. Cada aula eu faço questão de cumprimentar um por um. De saber como está, de incentivar, de orientar, de se preocupar com o humano, e não apenas com o conhecimento cognitivo. Temos de pensar no ser humano como um todo. De forma integral. Fazer projetos relacionados a autoestima, como "Um dia da autoestima" é interessante. Mas não pode ficar, aí. Tem de ser algo cotidiano.

Sétima entrevista:

Paula Fernanda

Resposta da segunda questão:

2) Acho sim que o pedagogo deve estar atento às questões que envolvem a autoestima dos alunos, devido à importância dessa atenção para o desenvolvimento do mesmo. Pois, devemos saber criticar o fato errado, o comportamento inadequado e não a criança. Assim este não se sentirá incapaz de realizar certas atividades ou até mesmo compreenda que esteja sendo perseguido pelo professor.

A promoção da autoestima na escola deve ser através da preocupação com o aluno, buscando conhecê-los melhor, dando um retorno positivo aos seus feitos, ou seja, exaltando o que deve ser exaltado. O importante é que o aluno entenda que seus atos tanto positivos quanto os negativos serão observados e discutidos com eles.

É possível diante dos depoimentos apresentados, fazermos uma reflexão crítica de como podemos trabalhar a autoestima no ambiente escolar.

Capítulo III

Apresentação e discussão dos resultados

As entrevistas foram realizadas com a intenção de extrair dos entrevistados, sentimentos que estavam internalizados. Por isso pedir que resgassem da memória um fato que realmente marcou as suas vidas, afetando a autoestima.

O primeiro entrevistado foi Fábio que logo se lembrou da professora que o fez passear com a tesoura na boca. A entrevista foi realizada na própria faculdade FFP-UERJ, no final da aula. Os demais depoimentos foram colhidos através de e-mail e também por telefone. No relato de Fábio, apresentado anteriormente, podemos constatar que essa professora agiu de maneira totalmente errônea, faltou sensibilidade para enxergar que a tesoura, naquele momento, estava sendo usada como uma mera distração de criança. Essa situação conflituosa provocada pela professora desfez o afeto que o entrevistado demonstrou que sentia por ela, e no lugar, deixou uma lembrança negativa da mesma. Freire nos aponta que:

“o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca”. (FREIRE, 1996, p.66).

Assim como Freire afirma acima, os diferentes tipos de professores sempre deixam a sua marca, então é imprescindível que o educador tenha consciência da importância do seu papel na vida do educando, e que é necessário fazer uma autoavaliação do comportamento, pois se consciente, que deixará sua marca nos seus alunos, deverá refletir a respeito de qual tipo de marca pretende deixar e de como gostaria de ser lembrado pelos mesmos.

A professora expôs o aluno ao constrangimento, contrariando o Estatuto da criança e do Adolescente, Lei Federal nº 8.069/90. Art. 18, que diz: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

É necessário que o professor respeite o seu aluno, para que haja verdadeiramente o respeito recíproco. Recorro a Freire(1996) que diz: “Como posso continuar falando em

respeito à dignidade do educando se o ironizo, se o discrimino, se o inibo com minha arrogância.” (p.65)

Fábio no seu depoimento cita a importância de procurar conhecer o histórico da criança, da onde ela vem.

De acordo com Freire (1993) é um dever determinado pela prática na educação, buscar o conhecimento a respeito da realidade dos alunos, pois é através deste, que somos capazes de compreender o modo de pensar, os saberes e também de que maneira estes foram adquiridos.

Ressalto esse aspecto descrito por Freire com as considerações de Libâneo (1990) que diz que conhecer a vida do aluno, a sua relação com a família, o tipo de educação que a mesma oferece, as suas pretensões para o futuro, enfim, o conhecimento das suas experiências sociais e culturais é determinante e afeta o seu modo de perceber o âmbito escolar.

Felizmente no caso do Fábio não houve a evasão escolar, só a mudança de turma. Mas é importante apontar que nem sempre é assim que acontece, muitas vezes as crianças com o sentimento de vergonha, preferem o afastamento da escola, em alguns casos, os próprios pais desconhecem o motivo de tal distanciamento.

Na segunda entrevista, Andréa relatou que a sua madrinha causou um grande constrangimento que afetou a sua vida. Tudo aconteceu no parque, a sua madrinha além de privá-la de brincar, expos o motivo da proibição diante dos outros: O seu problema de incontinência urinária. Todos debocharam dela, que sentiu muita vergonha e ódio por aquela causadora da sua humilhação.

É lamentável quando nos deparamos com situações como esta, em que o desrespeito parte de pessoas tão próximas de nós, destas que esperamos apoio, e contrariamente nos nega a compreensão e o respeito. No seu depoimento, podemos confirmar a importância que o afeto da família exerceu na superação do seu problema. Segundo Coopersmith (1967) a afetividade é de grande importância fortalece a autoestima e os elogios sinceros são capazes de motivar a criança a perceber o seu valor.

A terceira entrevistada foi Nelceli, que contou a sua história para toda turma, durante uma das aulas, devido ao teor do relato, logo a convidei para participar do meu trabalho de conclusão de curso. Este mesmo depoimento comovente, relatado no capítulo anterior, também faz parte do memorial da monografia de Nelceli.

A pedra de mármore que a sua professora deixava em cima da mesa, deixou uma lembrança ruim no seu percurso escolar. E podemos dizer que, literalmente, tinha uma pedra

no seu caminho. O que remete a memória o famoso e também polêmico poema do saudoso Carlos Drummond de Andrade:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

tinha uma pedra

no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento

Na vida de minhas retinas tão fatigadas

Nunca me esquecerei que no meio do caminho

tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra.

No depoimento constata-se que como no verso do poema acima: “Nunca me esquecerei desse acontecimento” a entrevistada também não se esqueceu. Ficou uma marca profunda e a lembrança de uma educação norteadada pelo medo. Este paralisa o educando, impede de expressar seus sentimentos, de fazer uma simples pergunta quando se tem uma dúvida, por receio de desagradar o professor, inibe a curiosidade, impede a comunicação. O medo, enfim, é paralisador, faz calar a voz, até mesmo antes que o outro, no caso o professor, mande ficar quieto. Freire nos deixou as sábias palavras, para refletirmos sobre a questão:

Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais. Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama. (1983, p. 29).

É imprescindível que se mantenha o diálogo, a troca de saberes, a aula não pode se resumir ao monólogo, onde o professor protagoniza a história e os alunos quietos, apenas assistem, e por vezes, sem entender o andamento do discurso, lhes é negada a oportunidade de indagar, de expor a sua curiosidade. Onde está o amor nesse tipo de atitude? Não é preciso muito esforço para responder que este é inexistente.

Na situação vivenciada por Nelceli, não existia a comunicação, a ausência do amor da professora era evidente, e esta inexistência anulava a possibilidade de educar e só gerava o medo nos seus alunos.

Na quarta entrevista Eliza conta a sua história marcada por situações que causaram muito sofrimento, a morte do seu pai, a brusca mudança da situação financeira, que decaiu com a perda do provedor, a necessidade de começar a trabalhar e conciliar os estudos. Mas a sua grande decepção foi a de não ter conseguido o emprego almejado pelo fato de ser negra, apesar de ter qualificação para trabalhar como secretária, a fábrica não admitia pessoas negras nesta área, somente na parte de produção, de acordo com a sua vizinha, esse foi o verdadeiro motivo de não permitirem nem que a mesma realizasse o teste para a disputa da vaga. Esse tipo de atitude preconceituosa é denunciado no Estatuto da Igualdade Racial – Lei 12.288/10, Art.1º- Inciso I, que considera:

Discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada.

A junção de todos esses fatores, especialmente a rejeição motivada pelo preconceito, causou a baixa autoestima da mesma. Conforme Martinelle esclarece:

Passar por uma situação de fracasso ou que coloque a sua capacidade em dúvida pode gerar um desconforto e um sentimento de desvalorização, que uma vez prolongado pode gerar problemas mais sérios de adaptação da conduta, além de afetar de maneira intensa a confiança e o valor atribuído a si mesmo. (apud SISTO, 2002, p.115).

Diante das situações conflituosas, a menina que apenas queria uma oportunidade de trabalho, começou a apresentar dificuldades na escola, desmotivada com os estudos, foi reprovada pela primeira vez, e passou a apresentar um comportamento de revolta, o sentimento de tristeza, de incapacidade provocada pela rejeição que estava armazenado no seu interior, foi expresso através de inúmeras travessuras, objetivando atrair a atenção dos outros.

Essa mudança de comportamento no âmbito escolar é explicada por Poppovic (1980) que nos ajuda a compreender que se a criança não tiver autoconfiança e acreditar que é inferior as demais, ela não terá vontade de aprender, perderá o interesse pelas coisas, por medo de fracassar, e devido a este temor, exclui a possibilidade de mudar esta situação ou passa a reagir de maneira desapropriada, para que os outros percebam que é alguém.

Para Libâneo (1990) muitos professores ignoram as expectativas e as necessidades escolares dos seus alunos. Quando não apresentam interesse e não entendem a matéria, são julgados como indisciplinados, justificando assim, o comportamento insatisfatório dos mesmos. É necessário considerar não somente o interesse dos alunos, mas os seus aspectos sociais de vida e de trabalho, pois estes afetam as possibilidades do seu rendimento escolar.

É crucial que os professores demonstrem interesse pelos seus alunos, investigando o porquê de determinados comportamentos hostis no âmbito escolar, os verdadeiros motivos que os impulsionam a agir de maneira inadequada, objetivando assim compreendê-los e ajudá-los. O educando precisa sentir-se acolhido e não recolhido pela escola.

Um aluno vitimado pelo preconceito fica fragilizado, e mesmo que o fato não tenha ocorrido dentro da escola, terá reflexos neste âmbito, além de ser um espaço social em que o aluno fatalmente se defrontará com algum tipo de discriminação, que acentuará o sentimento de rejeição.

Diante da colocação feita acima, percebe-se a necessidade dos educadores e demais responsáveis do meio, estarem atentos a questões tão importantes, buscando a proximidade com seus alunos, debatendo questões como o preconceito que interfere na autoestima, e ainda é um tema muito velado não somente pela escola, mas também pela sociedade.

A respeito da autoestima dos negros, Cavalleiro nos aponta de maneira esclarecedora que é necessário:

Para reverter estas estruturas convencionais e discriminatórias, precisamos estabelecer relações de identidade e afetividade, especialmente na relação professor-aluno. Do contrário, nossa prática discriminatória aciona a “memória de discriminação” tão presente no mundo dos negros e detona pensamentos, atitudes e sentimentos de inferioridade motivados por impedimentos institucionais ou não. Essa memória pode ser ativada em situações de lazer, trabalho e educação. O

sentimento de inferioridade imediatamente sugere o sentimento de limite, o de poder apenas uma parte e não o todo. A impossibilidade de se completo motiva o desprezo das necessidades de enfrentar desafios tão necessários para aprender sobre si, o outro e o mundo. (CAVALLEIRO, 2001, p.166).

A quinta entrevistada, Liliane fez um verdadeiro desabafo ao relatar a sua história na sala de aula, o que chamou a minha atenção foi a emoção expressada pela mesma, que não conteve as lágrimas ao recordar, que quando criança a sua capacidade de aprendizado foi depreciada em relação a do seu irmão. Considero pertinente mencionar que após o seu relato, algumas meninas, num gesto de incompreensão, balançaram a cabeça, e sussurraram dizendo: “Nossa ela chorou só por causa disso...” menosprezando assim, o sentimento da colega de turma.

Um dos objetivos educacionais, que nos aponta Libâneo (1990) implica em:

(...) desenvolver a consciência de solidariedade humana, ou seja, de que ser membro da sociedade significa participar e agir em função do bem-estar coletivo, solidarizar-se com as lutas travadas pelos trabalhadores, vencer todas as formas de egoísmo e individualismo. (LIBÂNEO, 1990, p. 125).

O que corresponde para Caporali (1999) o sentimento de solidariedade humana, é a compaixão que é despertada no homem quando este tem a consciência da dor e do sofrimento alheio e denuncia que a escola não dá a devida importância a este sentimento e não o enxerga como um construtor de uma sociedade solidária.

Creio que devemos respeitar, mesmo quando não somos capazes de compreender o sentimento alheio, pois ao compartilhar algo, primeiramente desejamos ser ouvidos, compreendidos e não julgados. Pois cada um de nós tem uma forma de reagir a determinadas situações da vida.

A respeito da comparação feita pela professora de Liliane, que repercutiu como mais uma depreciação das muitas sofridas, só que o grande diferencial, era que dessa vez o sentimento de desvalorização não foi provocado pelos seus colegas da escola e sim por uma professora que é vista, pelas crianças, como detentora do saber, logo a sua palavra, foi uma espécie de confirmação da incapacidade que já “ressoava” no seu íntimo. Essa situação agravou o seu sentimento de baixa autoestima, comprometendo durante anos a sua maneira de se posicionar diante das circunstâncias diversas e adversas da vida.

Buscaglia(1982) nos alerta que parece que o nosso sistema educacional não tem interesse em incentivar a singularidade do educando. O seu objetivo é tornar todos iguais.

Aponta a existência de professores que desejam que seus alunos sejam meros reprodutores, sejam seus imitadores e não estimulam a sua criatividade, a sua singularidade.

O autor também destaca a sua indignação a respeito dos pais que rotulam seus filhos como incapazes. E nos revela que, desde a sua infância, sempre foi muito incentivado, pela sua mãe, a acreditar no seu próprio potencial. Condena a atitude dos pais que compara seus filhos, depreciando um e exaltando o outro, o filho que é rotulado negativamente, acaba por internalizar o que foi dito e acreditar que realmente é inferior ao irmão. A crítica de Buscaglia é pertinente ao caso da entrevistada, porém as palavras foram proferidas pela sua professora, que também representa um papel significativo na vida da criança.

Na entrevista Liliane se autodescreveu como uma menina tímida, que era rejeitada pelos colegas, que sofria em silêncio, vitimada pelo bullying, que pode ser um estimulante da baixa autoestima, pois as perseguições repetidas, independente de qualquer tipo de procedência, visam constranger e depreciar a vítima.

Na sexta entrevista, Renato relatou que na escola onde estudava foi acusado de racismo porque não quis dançar com uma menina negra. Ele alega que não aceitou dançar porque ensaiava com a menina que ele era apaixonado e pretendia dançar na festa somente com a mesma. A sua intenção não era de desprezar a outra menina, mas o sentimento de frustração de não conseguir realizar o seu grande desejo foi o motivador da recusa, para ele não importava a cor da parceira, mesmo porque a sua paixão era de pele bem morena, o que atualmente chama-se de afrodescendente. Diante das acusações indevidas, foi impedido de participar da festa o que causou a sua indignação. Mas apesar de tudo não revelou o verdadeiro motivo de negar uma dança: o de estar apaixonado pela colega de classe. Guardou segredo a respeito dos seus verdadeiros sentimentos. Para Renato essa injustiça marcou a sua infância.

Saliento que na entrevista sobre promoção da autoestima, Renato mencionou que tínhamos uma pessoa em comum relacionada com esta questão. Convém esclarecer para o leitor que a pessoa citada por ele é a minha irmã Jaciara, mãe de Maurício citado no memorial desse trabalho.

Ressalto que a minha irmã depois de muitos anos afastada da escola, casada, mãe de dois adolescentes, sentiu o desejo de voltar a estudar.

Para os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) já é um desafio retornar para escola, somado as demais dificuldades inerentes do próprio cotidiano, para Jaciara não foi diferente, por inúmeras vezes pensou em desistir e até abandonou os estudos, mas logo

retornou. Recordo que a mesma sempre comentava a respeito de seu professor de Educação Física, que incentivava muito os alunos, inclusive mencionou um vídeo sobre motivação que ele exibiu para a turma que a emocionou e estimulou a prosseguir.

Com o passar do tempo descobrir que este professor que minha irmã sempre se referia com carinho, por ser um educador extremamente atencioso e realmente comprometido com seus alunos, era o meu amigo da faculdade: Renato Poubel, que verdadeiramente exerce a sua profissão com toda a dedicação, conforme relatou a sua preocupação com seus alunos na entrevista, ele com toda certeza é aquele educador que além de deixar a sua marca, também deixa saudade.

A sétima entrevistada foi Paula Fernanda que descreveu a sua dificuldade na disciplina de matemática, relatando que não só ela como a grande maioria da sua turma foi reprovada e era intimidada com as avaliações realizadas pela professora, que além de reprovar, ainda ironizava todos que não conseguiram aprovação. Uma das formas de depreciar seus alunos era omitir as notas das avaliações, e justificar que não valia a pena gastar a sua caneta vermelha com notas baixas.

Aponto que a fala da professora era direcionada a 27 dos 30 alunos, ou seja, 97% da turma! Diante da situação apresentada, fica a pergunta, que é praticamente expelida pela garganta a fora: Será que em nenhum momento essa professora pensou em avaliar o seu método de ensino?

Segundo Libâneo (1990) através dos resultados do rendimento dos alunos, o professor é capaz de analisar, de acordo com as informações obtidas, o desenvolvimento do seu trabalho e a partir daí questionar se os seus objetivos estão sendo alcançados e refletir a respeito de novas maneiras de conduzir suas aulas.

A entrevistada Paula Fernanda relatou a sua angústia toda vez que tinha que realizar a prova de matemática, esse sentimento era compartilhado pelos demais colegas de turma e o temor de fracassar era permanente para ela e seus colegas. A respeito dessa questão Deiro adverte que por maior que seja a dificuldade e o esforço em aprender uma determinada matéria, não se pode pensar na prova como algo angustiante. Pois a paz é necessária para se ter o aprendizado, é nesse momento que podemos notar o modo de relação do professor. (DEIRO, 1995 apud MORALES, 2006.)

Segundo López (1964) “A Psicologia adverte-nos de que o motivo mais frequente de nossos medos é a falta de fé no êxito de nossos recursos pessoais, de modo que surge em nós a suspeita do fracasso na obtenção de algo que intensamente desejamos.”(p. 184)

A conduta da professora em omitir as notas dos reprovados, para não gastar a sua caneta vermelha, demonstra o desrespeito para com seus alunos. Conforme as explicações dadas por Libâneo (1990) que diz:

O respeito se manifesta, pois, no senso de justiça, no verdadeiro interesse pelo crescimento do seu aluno, no uso de uma linguagem compreensível, no apoio às suas dificuldades, nas suas atitudes firmes e serenas (não gritar na classe, não menosprezar, não fazer ironias). (LIBÂNEO, 1990, p.116).

Diante da atitude da professora de matemática de Paula, constata-se que a relação professor e aluno é verticalizada, não há abertura para o diálogo, e o que prevalece é o desinteresse em buscar soluções para as dificuldades dos alunos. Existem educadores que se limitam ao um único fim: Transmitir os conteúdos para seus alunos. Não têm a intenção de estimular o desejo de aprender, ignoram o valor da afetividade e sufocam a possibilidade do aluno desenvolver o seu processo cognitivo. Saliento que Piaget vinculava o afeto à inteligência, sendo este fator crucial para o desenvolvimento da mesma.

Vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não poderia se raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão. (PIAGET, 1976, p.16).

Outro fator a se considerado é a questão do educador se conscientizar da necessidade das constantes avaliações e reavaliações de informações e da sua própria prática. Conforme nos adverte Freire (1993) da necessidade de reflexão sobre as relações entre professores e alunos que são marcadas pela complexidade, daí a necessidade de ambas as partes envolvidas buscarem a avaliação destas relações e como se portam dentro deste contexto.

A turma da entrevistada Paula, através da união dos próprios alunos em grupos de estudo, visando à ajuda mútua, tentou compreender a matéria e sanar suas dúvidas. E conseqüentemente, almejavam conseguir ver estampada na prova à tão almejada nota, ausente em tantas avaliações. E a professora onde estava naquele momento? Por que não estava ali contribuindo para o aprendizado de seus alunos? Certamente não estava gastando a sua caneta vermelha, por que não aplicava nota quando esta era baixa e nem a sua caneta azul, pois eram pouquíssimos os alunos que conseguiam a nota de aprovação em sua matéria.

A respeito da omissão das notas dos alunos pela professora, recorro novamente a Libâneo (1990) que nos deixa claro que é importante que os alunos tenham ciência das suas notas, pois é através do conhecimento destas, que terão a possibilidade de diagnosticar o seu progresso escolar e o professor poderá diagnosticar também o seu próprio trabalho.

Considerações Finais

Este trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido objetivando contribuir para a discussão e reflexão a respeito da importância da autoestima nas relações interpessoais.

Através das histórias de vida compartilhadas pelos entrevistados, dos diversos teóricos pesquisados para a elaboração do nosso estudo, foi possível constatar a relevância do tema abordado e enfatizar que as relações desprovidas de afetividade, repercutem negativamente no desenvolvimento da pessoa em vários aspectos da sua vida.

É notável que os depoimentos apresentados neste trabalho apontam que as experiências adquiridas no âmbito escolar são capazes de influenciar a maneira de se relacionar com os outros e de se comportar diante das situações cotidianas.

Percebe-se que devido complexidade de se trabalhar a construção da autoestima, é necessário trilhar um caminho buscando conhecer o outro, o histórico da sua vida, e assim atingir os pontos que são desvalorizados pelo o mesmo.

Os estudos demonstram que a afetividade é um fator importante na construção da autoestima positiva. E que o professor é a figura fundamental no desenvolvimento da autoestima do aluno, é ele o responsável pelo encorajamento do aluno em relação ao enfrentamento das suas dificuldades no âmbito escolar.

Na pesquisa empreendida com esses sete entrevistados, foi possível identificar que o educador que se preocupa em somente transmitir o conteúdo da sua matéria, não contribui para o desenvolvimento cognitivo que está ligado a afetividade, não excita o desejo do discente em querer aprender, não atrai os mesmos para as suas aulas. O educador comprometido tem a preocupação em criar um ambiente favorável para aprendizagem, de atrair, conhecer e dialogar com seus alunos, está aberto a possíveis mudanças para o melhor desempenho próprio e também dos educandos.

Ao longo desse trabalho percebemos que a relação professor-aluno necessita ser também norteada pela afetividade, que esta é capaz de promover a autoestima do educando.

Diante das informações obtidas nesta pesquisa é inegável considerar a importância do papel do professor na vida do aluno, a sua atuação provoca marcas que na maioria das vezes o tempo não é capaz de apagar... é refletindo sobre esta questão, de marcar a vida dos seus alunos que o educador precisa conduzir o seu trabalho e acreditar que a sua atuação dentro da sala de aula reflete muito além dos muros do âmbito escolar

Esperamos que este estudo colabore para as constantes discussões e reflexões acerca das relações entre os sujeitos, especialmente no âmbito educacional.

As situações expostas nesta pesquisa, não se limitam as páginas deste trabalho, são fatos que acontecem e quase sempre não são percebidos por todos os envolvidos na questão, porém estão presentes no nosso cotidiano e fazem parte do nosso cenário educacional.

A nossa proposta é que as experiências compartilhadas aqui, os diálogos com os teóricos que abordam o tema e as reflexões apresentadas sejam repensadas, discutidas e ampliadas pelo leitor, especialmente se este é um profissional comprometido com as mudanças exigidas pela sociedade na educação.

Referências Bibliográficas:

- AQUINO, J. R.G. A desordem na relação professor-aluno: Indisciplina, moralidade e conhecimento. In. J.R.G. AQUINO (Org.) Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- BARBIER, R. A escuta sensível em educação. Cadernos Anped, nº. 5. Porto alegre: Anped, 1993.
- BAUMAN.Z. A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,2008.
- BRANDEN, N. O poder da autoestima. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998.
- BRIGGS, D. C. A autoestima do seu filho. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BUSCAGLIA, L. Vivendo, amando e aprendendo. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- CAPORALI, R. Ética e educação. Rio de Janeiro, RJ. Gryphus,1999.
- CAVALLEIRO, E. Racismo e Anti-racismo na educação: Repensando nossa escola. São Paulo, Summus, 2001.
- CHALITA, G. Educação: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.
- CHALOUB, S.B. Processo pedagógico gerador de uma consciência crítica: Uma história de vida. São Paulo: Loyola,1989.
- COOPERSMITH, S. The antecedents of self-esteem. San Francisco: Freeman,1967.
- Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13/07/90. Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de janeiro, 2002.
- FIERRO,A.Desenvolvimento da personalidade na adolescência. In C. Coll, J.Palacios.,e A. Marchesi (Orgs.). Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia evolutiva (Vol.1). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FREINET, E. O Itinerário de Célestin Freinet: A livre expressão na pedagogia Freinet. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- FREINET,C. Pedagogia do bom senso. São Paulo: Martins Fontes, 1967.
- FREIRE, P. Educação e mudança. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____.Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.1ª ed. São Paulo,1993.
- _____. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- HOFFMANN, J. Avaliar para promover: As setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 1990.
- LÓPEZ, E. M.Y. Psicologia da vida moderna: A vida e o psicólogo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- MORALES, P. A relação professor-aluno: O que é, como se faz. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- MOYSÉS, L. A autoestima se constrói passo a passo. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- PIAGET, j. A construção do real na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- PIMENTA, S. G.(org). Saberes pedagógicos e atividade docente. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- POPPOVIC, A.M. (Coord.). Pensamento e linguagem: Programa de aperfeiçoamento para professoras da 1ª série. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Abril Cultural e Industrial, 1980.
- ROSENBERG, M. La auto-estima del adolescente y la sociedad. Buenos Aires: Paidós, 1982.
- ROSSINI, M.A. S. Pedagogia afetiva. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- SILVA, Andréa Corrêa da. Experiências pedagógicas em uma escola gonçalense: A importância das relações entre os sujeitos educacionais. Trabalho monográfico, Faculdade de Formação de Professores-UERJ, Rio de Janeiro, 2010.
- SISTO, F. F et al. (Org.). Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SMITH, C.; STRICK, L. Dificuldades de Aprendizagem de A a Z. 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001
- TAILLE, Yves de L., OLIVEIRA, M.K., DANTAS, H., Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- TIBA, I. Disciplina: limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1999.
- _____. Quem ama educa. 6ª ed. São Paulo: Gente, 2002.
- WALLON, H. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- <http://letras.terra.com.br/raul-seixas/48334/> em 06/06/11
- <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/111031/lei-do-crime-racial-lei-7716-89> em 24/04/11
- <http://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=734> em 06/06/11

